

ANÁLISE DAS POESIAS DE GREGÓRIO DE MATOS

Esta pesquisa tem por objetivo fazer uma análise de quatro poesias, sendo do autor, Gregório de Matos da escola literária Barroco e quatro liras do autor Tomás Antônio Gonzaga, do Arcadismo. Destacando dessa forma, as estruturas externas e internas. Mas antes de fazer uma análise, é necessário compreender um pouco sobre o contexto histórico que estão inseridos tais autores.

O primeiro a ser enfatizado é o Barroco, o qual foi uma tentativa de conciliação entre o teocentrismo e o antropocentrismo, que desde a Idade Média, o pensamento cristão era baseado na crença em um só Deus, senhor de todo universo, pois acreditavam que, quanto mais ajudava a igreja, mas seu lugar estava garantido no céu, dessa forma a partir do século XIV, o teocentrismo foi substituído por uma nova visão de mundo, o antropocentrismo, isto é, o homem como o centro das indagações e preocupações. Assim influenciado pelas questões religiosas e pela tentativa de um retorno ao teocentrismo, o Barroco, na tentativa de conciliar esses valores religiosos às ideias do antropocentrismo, acabou caracterizando-se pelo contraste como, céu/terra, humano/divino, claro/escuro, era como viver voltado para a terra, o corpo, as paixões deste mundo, mas também viver voltado para o céu, à busca da salvação da alma e a necessidade de Deus.

Influenciado por esses conflitos, os escritores produziam textos literários com características bastante nítidas, como o uso de contrastes, em que o texto vai mostrar o "choque" entre a vida e morte, amor e Deus, outro é o pessimismo, que aponta o conflito entre o eu e o mundo, ou seja, a vida na terra é triste enquanto no céu é luminosa, a intensidade é outra característica, em que o homem vai sentir o desejo de expressar a dor que está sentindo, e ainda no Barroco o uso frequente de figuras de linguagem e pensamento como, o paradoxo, antítese, hipérbole, metáfora, prosopopeias dentre outras. Além do cultismo, que caracteriza pelo jogo de palavras e o conceptismo, pelo jogo de ideias.

Contudo, o principal representante da poesia barroca no Brasil, Gregório de Matos, poeta crítico que relata em suas poesias tanto a religiosidade (poesia religiosa), quanto à perdição do amor (poesia lírica), e também as críticas que fazia da sociedade de sua época. Portanto, tais poesias serão analisadas.

POESIA RELIGIOSA

"A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR"

Pequei, Senhor; mas não por que hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido:
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada;
Cobrai-a ; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

ANÁLISE

Esta é uma poesia religiosa de Gregório de Matos, que apresenta uma regularidade formal (métrica e rítmica), sendo que, questiona o mundo e os homens. Abordando dessa forma os valores religiosos. Apresenta versos decassílabos (versos com dez sílabas poéticas), rimas regulares, ou seja, rimas opostas ou interpoladas nos dois quartetos (ABBA/ABBA) e rimas mistas nos dois tercetos (CDE/CDE).

Nos temas que abrange a religiosidade, Gregório de Matos, destaca o medo da punição divina, o desespero pela busca do perdão, sendo que geralmente, se associam esses princípios ao arrependimento na hora da morte, pois isso reflete, a vários fatores, um deles é o clero por ter explorado as populações ingênuas com a venda de indulgências, e prometendo ainda, que quanto mais pagassem a igreja mais era garantido seu lugar no céu. Vale ressaltar também, que o homem barroco não era um homem feliz, pois vivia

dividido entre as conquistas do pensamento renascentista e a necessidade de volta-se para Deus, buscando o perdão de seus pecados.

Gregório utiliza um vocabulário rico e reverente. E nesta poesia retrata justamente a época que vivia, a culpa X perdão, denotando dessa forma toda a angústia que sentia, pois Gregório tinha fé em Deus, só apenas era inconformado com as hipocrisias das religiões de sua época, como o tráfico de relíquias, século XVI.

No primeiro quarteto, o poeta invoca o senhor dizendo ter pecado, mas não ter cometido nenhuma desobediência ao pecar, se despede de Deus devido algum ato que cometeu, sendo que menciona que quanto mais comete delitos, mas a divindade o ajuda, ou seja, o fato de ser pecador deve garantir a ele o perdão de Deus, pois se Deus o perdoa, o mesmo necessita do perdão do pecador para poder exercitar seu atributo divino. No verso "(...) quanto mais tenho delinqüido, vos tenho a perdoar (...)", é possível destacar o perdão e o pecado, utilizando-se de antítese.

Na segunda estrofe trata-se do arrependimento, de tantos pecados cometidos, querendo abrandar a Deus, por ter lhe ofendido mais também o lisonjeado, pois sem o pecador como Deus poderia perdoar, e na passagem do verso (Se basta a vos irar tanto pecado), se tem à figura de linguagem, anástrofe. E tanto na primeira quanto na segunda estrofe tem a característica do Barroco, o cultismo (jogos de palavras). Já no primeiro e segundo tercetos, é possível analisar que o poeta aborda a parábola da ovelha perdida, em que Jesus fala do amor que o pastor sente por suas ovelhas, principalmente a que está perdida e então vai atrás e a devolve ao rebanho.

Com isso se percebe que o eu-lirico se identifica com uma ovelha merecendo a salvação, aí se tem o conceptismo (jogo de idéias) e notada também a figura de linguagem, como a metáfora (Eu sou, senhor, a ovelha desgarrada;), e utilizando-se de uma linguagem rebuscada quando chama a Bíblia de Sacra História e Jesus, de Pastor Divino. É possível observar esta passagem na bíblia do evangelho Lucas, no capítulo 15, versículos 2 a 7, na qual menciona a parábola da ovelha perdida e diz ainda que "...haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende...".

POESIA RELIGIOSA

"A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR ESTANDO O POETA PARA MORRER"

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer,
Amoroso, constante, firme e inteiro:

Neste transe, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso, cordeiro

Mui grande é vosso amor, e o meu delito:
Porém, por ter fim todo o pecar;
Mas não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

ANÁLISE

É uma poesia com versos decassílabos, com rimas interpoladas ou opostas nos dois quartetos (ABBA/ABBA), e rimas alternadas ou cruzadas nos dois tercetos (CDC/CDC).

Nos textos religiosos, o conceptismo é uma das características que predomina mais esse estilo. Dentro desta, o autor está justamente abordando o contraste, pecado X perdão e tentará convencer Deus de ser salvo apesar de ter pecado.

No primeiro quarteto o eu-lírico fica desesperado e percebe que a morte está perto de si, recorrendo então a Jesus e se lamentando, pois reconhece que é um pecador e que será julgado quando morrer. No segundo quarteto, já imagina que está perdendo seu sentido "... minha vida anoitecer", e faz então, umas chantagens emocionais com Deus, tentando se salvar, pedindo que o acolha com "brandura de um pai...", e nessa hora que ele espera a misericórdia de Deus.

Enquanto no primeiro terceto se analisa uma característica do Barroco, o conceptismo, entre o amor de Deus e o seu pecar, isto é, Deus tem um amor infinito, mas o seu pecar é simplesmente finito. E na ultima estrofe ele espera se salvar, pois confia, apesar de ter pecado, já que Deus é misericordioso vai atender seu pedido.

POESIA LÍRICA

A D. ÂNGELA

Anjo no nome, Angélica na cara,
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e anjo florente,
Em quem, se não em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares,

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,
Posto que os anjos nunca dão pesares,
Sois anjo, que me tenta, e não me guarda.

ANÁLISE

Este é um soneto de versos decassílabos com rimas regulares, ou seja, rimas opostas nos dois quartetos (ABBA/ABBA), e rimas alternadas nos dois tercetos (CDC/DCD). Nesta poesia lírica evidencia de um lado a idéia do amor, que pode ser de dor e sofrimento e de outro lado é vista a figura feminina como uma perdição, um pecado que atormenta. Cujo nome Angélica, nome de flor e em latim ângelus (anjo).

Na primeira estrofe o poeta tenta fazer uma síntese entre flor e anjo, a primeiro começa a fazer uma imagem de uma mulher construída com uma beleza pura e o segundo por ser ao mesmo tempo tentador, e nesta parte se observa uma figura de linguagem, característica do barroco, a antítese, entre o plano material (flor) e o espiritual (anjo), e que no final da poesia acaba se

tornando um paradoxo (mulher-anjo). Na segunda estrofe aborda o desejo do poeta, por ver uma flor tão bela que sente vontade de tê-lo para si (Quem veria uma flor, que a não cortara...?), mas quando é associada a um anjo tem de ser idolatrada (E quem um Anjo tão luzente, / Que por seu Deus, o não idolatra?). Sendo que, no primeiro terceto é observado, já que sua amada representa a figura de um anjo, é melhor apenas protegê-la, guardá-la, pois sabe que é uma tentação só de vê-la, como se dissesse "a carne é fraca". E na última estrofe deixa clara que a hipótese não se confirma na estrofe anterior, pois, sua amada por ser tão formosa e elegante (Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,) acaba conquistando-o e não resistindo. Devido, a mesma não evitar que ele a deseje, pois se percebe com isso que ela não é anjo, mas é anjo ao mesmo tempo por ser tão angelical. É justamente analisados o amar e o querer, que no verso final predomina o paradoxo "Sois anjo, que me tenta, e não me guarda". Uma característica do Barroco presente na poesia lírica, e o aspecto cultista (jogo de palavras), como por exemplo em "Ângela", "Angélica" e "Anjo", como também "flor" e "florente"

POESIA SATÍRICA

A CIDADE DA BAHIA

A Cidade da Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado,
Pobre te vê a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh! se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
que fora de algodão o teu capote!

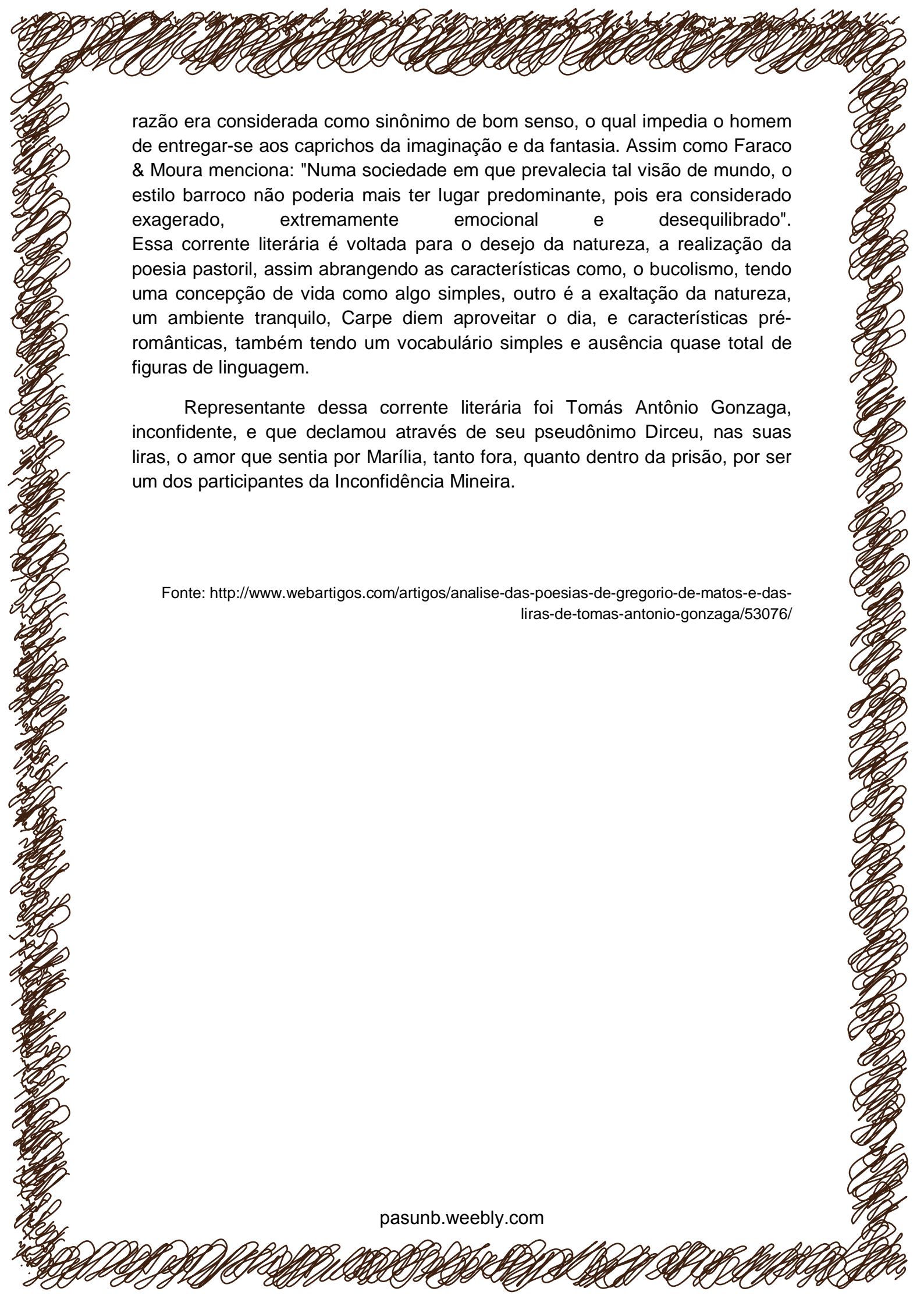
ANÁLISE

Foi com a produção satírica que Gregório de Matos pôde retratar a sociedade brasileira, principalmente a cidade de Bahia. Conhecido como "Boca do inferno", nada poupava, criticava tanto o governador como o clero (os mais bem organizados da sociedade portuguesa). É nesse tipo de poesia que Gregório foge dos padrões linguísticos do Barroco, utilizando-se de palavras ou expressões populares. Embora nesta poesia fala de sua terra, Bahia, era a maior produtora de açúcar, mas devido o excesso de produção acabou tendo que baixar o preço, sendo que, o açúcar assim como o tabaco servia de remédios. E nessa época, Bahia foi devastada por uma cólera, conhecida de "peste", matando grande quantidade de pessoas. Uma doença infectocontagiosa que espalhava terror de morte, e ainda tendo a escassez de mercadorias e os preços só subiam, pois havia trocas com os estrangeiros. E Gregório com suas poesias satíricas, acabou indo preso, se ausentando de sua terra que tanto amava.

A cidade da Bahia é uma poesia com versos decassílabos, com rimas oposta nos dois primeiros quartetos (ABBA/ABBA) e rimas mistas nos dois últimos tercetos (CDE/CDE). Na primeira estrofe o eu-lírico percebe as transformações ocorridas no Estado, tendo um discurso de lamentação, abordando nos dois últimos versos a questão econômica, pois alega que viu Bahia rica, como uma grande cidade e depois a tristeza de ter visto a crise se espalhando, sua terra empobrecida. São na verdade os dois tempos, o passado e o presente (Pobre te vejo a ti.../ Rica te vi eu já...).

Na segunda estrofe se observa que tanto o homem quanto a sua terra natal, ambos se vendiam como mercadorias, se trocando com negociações financeiras, com os franceses, holandeses e outros, como se observa no verso "A ti trocou-te a máquina mercante", ou seja, navios estrangeiros chegavam. Assim no primeiro terceto é perceptível a crítica presente na poesia, onde o poeta menciona a questão do Estado da Bahia, por ter grandes riquezas naturais, como o açúcar, fazendo negociações com estrangeiros com outras mercadorias de pouco valor que só a prejudicou. Mais mesmo assim, na última estrofe, o eu-lírico invoca Deus, pois tem esperança que "sua" Bahia volte a ser como ante e mais rica, dando-lhe orgulho.

Assim feita as análises de algumas poesias de Gregório é possível enfatizar uma outra corrente literária que veio contrapor o Barroco, o Arcadismo, também chamado de neoclassicismo, é o período que caracteriza principalmente a segunda metade do século XVIII, e que também marcou a decadência do pensamento barroco, passando a deixar em segundo plano a religiosidade, sendo que todo o exagero da expressão barroca havia cansado o público. Então o Arcadismo estava associado pela razão e ciência, pois, a



razão era considerada como sinônimo de bom senso, o qual impedia o homem de entregar-se aos caprichos da imaginação e da fantasia. Assim como Faraco & Moura menciona: "Numa sociedade em que prevalecia tal visão de mundo, o estilo barroco não poderia mais ter lugar predominante, pois era considerado exagerado, extremamente emocional e desequilibrado". Essa corrente literária é voltada para o desejo da natureza, a realização da poesia pastoril, assim abrangendo as características como, o bucolismo, tendo uma concepção de vida como algo simples, outro é a exaltação da natureza, um ambiente tranquilo, Carpe diem aproveitar o dia, e características pré-românticas, também tendo um vocabulário simples e ausência quase total de figuras de linguagem.

Representante dessa corrente literária foi Tomás Antônio Gonzaga, inconfidente, e que declamou através de seu pseudônimo Dirceu, nas suas líras, o amor que sentia por Marília, tanto fora, quanto dentro da prisão, por ser um dos participantes da Inconfidência Mineira.

Fonte: <http://www.webartigos.com/artigos/analise-das-poesias-de-gregorio-de-matos-e-das-liras-de-tomas-antonio-gonzaga/53076/>